

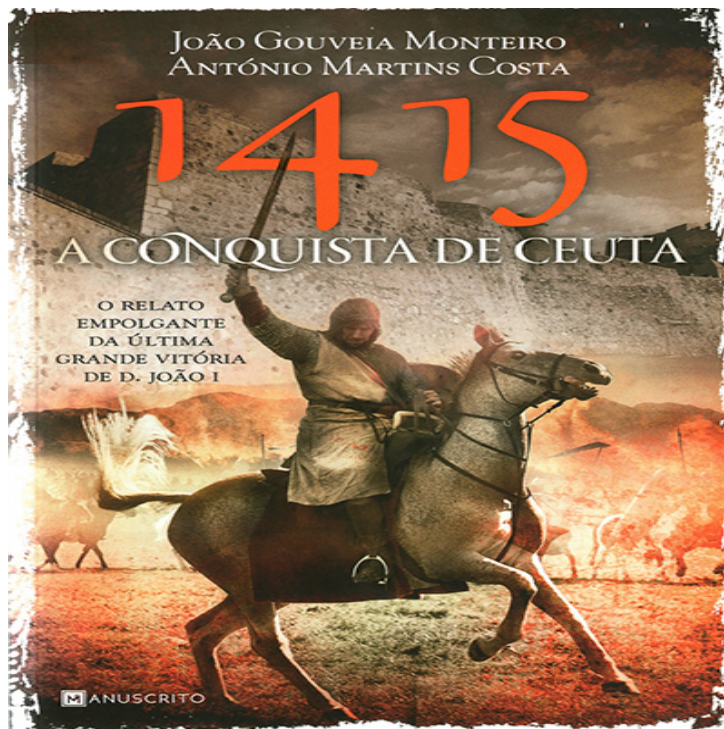
1415 - A Conquista de Ceuta

Major-general
Manuel António Lourenço de Campos Almeida



1415

A Conquista de Ceuta



O relato empolgante da última grande vitória de D. João I

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO^[1]

ANTÓNIO MARTINS COSTA^[2]

Revista Militar N.º 2565 - Outubro de 2015, pp 829 - 831.

:: Neste pdf - página 1 de 4 ::

Esta obra, da autoria de dois especialistas em História Medieval, procura relatar aquela que foi uma das mais extraordinárias campanhas militares da coroa portuguesa, durante a Idade Média.

A conquista de Ceuta começou a ser preparada no maior segredo e com grande antecedência, atendendo à complexidade da logística e à grandeza dos meios humanos e materiais envolvidos.

A frota expedicionária concentrou-se no Restelo, em 24 de julho de 1415, tendo zarpado a 25, rumo a Lagos, no dia em que se comemorava a festa litúrgica do apóstolo São Tiago. A partir daí, até ao dia da conquista, em 21 de agosto de 1415, o autor faz a reconstituição da viagem, dos incidentes, das deliberações e das operações militares. Num registo quase televisivo, são descritos os acontecimentos de cada dia, com imenso pormenor, sendo também relatadas as circunstâncias e as figuras envolvidas na tomada de decisão.

João Gouveia Monteiro serviu-se da narrativa de Gomes Eanes de Zurara, contida na sua *Crónica da Tomada de Ceuta*. Trata-se do mais detalhado e completo relato referente a esta expedição militar. Mas, ainda assim, é imperioso mencionar que Zurara não participou na campanha de 1415 e escreveu a sua crónica muitos anos após os acontecimentos, quando já muitos dos heróis de Ceuta haviam falecido. Como o próprio cronista relata^[3]:

Como escrevi esta história cerca de 35 anos depois dos acontecimentos, houve muitos detalhes que não me foi possível reconstituir, tanto mais que dela não sobraram grandes registos escritos, dado o secretismo como tudo foi feito.

Desta forma, como refere o autor, a primeira parte da sua obra constitui^[4]:

Uma evocação ficcionada da primeira conquista africana dos portugueses pelo próprio cronista e guarda-mor da Torre do Tombo, por mim colocado numa posição de voz off, como quem, já no outono da sua vida, recorda esses dias agitados mas felizes.

A dialogar com Zurara, estão João Gomes da Silva, alferes-mor do rei e o infante D. Henrique, seus amigos e informadores privilegiados e cujos testemunhos foram essenciais para a elaboração da Crónica.

A segunda parte desta obra equaciona, já numa diferente aproximação, a problemática da manutenção de Ceuta em mãos portuguesas. Questões práticas como a organização da defesa, a resistência às investidas muçulmanas, a angariação de fundos, a mobilização de pessoal, o abastecimento, a logística, o povoamento, o resgate de cativos e o apoio espiritual concedido pela Santa Sé são aqui tratadas.

Importante é também a reconstituição do quotidiano, após a conquista, determinado pelo

clima, pela geografia e pelas exigências impostas pelas circunstâncias militares. Aqui, o autor recorre ao texto de *Mohâmede ben Alcâcime*, escrito em 1422, o qual era morador na cidade e descreveu a alimentação, o vestuário, as casas de habitação, o comércio, as questões sanitárias, o quadro religioso e a composição da sua população.

São ainda tratados os aspetos relativos à importância que a cidade ocupou na vida política e social portuguesa e, em particular, no imaginário de nobres e religiosos, que passaram a dispor de um novo palco para os seus empreendimentos cavaleirescos e para a expansão da fé.

Como afirma o autor, Ceuta foi, acima de tudo, uma praça que o reino nunca quis abandonar^[1]: um fator de controlo marítimo no estreito de Gibraltar (com as consequências inerentes ao nível do curso e da defesa das praias algarvias relativamente à pirataria muçulmana) e como promissor elo de ligação entre as redes de navegação mediterrânica e atlântica.

Este trabalho é fruto de uma sustentada investigação, suportada em diversa bibliografia e documentação medieval. Contudo, o que poderia ter-se transformado numa obra erudita e impenetrável, tornou-se num livro de leitura muito agradável, mercê das coloridas descrições e das qualidades pedagógicas reveladas pelo autor.

As fotografias, selecionadas por António Martins Costa, são ajudas preciosas e ajustadas à temática, que permitem visionar a geografia da cidade, as embarcações e armas da época e imaginar os combates travados e as situações do quotidiano.

Esta obra, apresentada num volume de 221 páginas, está ricamente ilustrada e documentada com inúmeras fotografias, mapas, estampas, desenhos, plantas e relevantes notas anexas. Da *Editora Manuscrito*, datada de julho de 2015, o livro *1415 A Conquista de Ceuta* constitui um valioso contributo para a História Medieval de Portugal e, em particular, para a História Militar daquele período, pelo que se recomenda a sua leitura.

A *Revista Militar* agradece a oferta deste livro e felicita os autores por mais esta iniciativa.

Major-General Manuel de Campos Almeida

Vogal da Direção da *Revista Militar*

^[1] João Gouveia Monteiro é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

^[2] _ António Martins Costa é doutorando em História da Idade Média na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

^[3] _ *1415, A Conquista de Ceuta*, p. 33.

^[4] _ *Idem*, pp. 10 e 11.

^[5] _ *Idem*, pp. 187 e 188.